

## COSMOLOGIAS DA ENCANTARIA NO MARAJÓ-PA

### *Os encantados entre o rio e a configuração portuária da cidade de Breves*

Dione do Socorro de Souza Leão <sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo trata da constituição de cosmologias da encantaria entre o rio e a configuração portuária do município de Breves – Marajó das Florestas/PA. Essa reflexão surgiu da segunda parte de minha dissertação de mestrado defendida pelo programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia em março de 2014 (UFPA), quando estudava as narrativas orais em torno da área portuária da cidade e captava também sentidos do panteão cosmológico reafirmado em narratividades locais. Objetivamos com essa compreensão discutir nas idas e vindas de moradores a conformação de uma memória social construída no e pelo porto acerca destas cosmologias. Sob a perspectiva da história e antropologia analisamos as narrativas orais coletadas desses sujeitos por meio da metodologia da História Oral nesta parte da cidade entre embarques e desembarques de pessoas, práticas culturais e produtos. Nesta interpretação, descobrimos a significação histórica e simbólica em narrativas de tradição oral em torno da cosmologia da cobra grande e outros seres encantados.

**Palavras-chave:** Narrativas Oraais; Cosmologia; Encantaria; Marajó.

#### **Palavras iniciais: da área portuária de Breves à cosmologia amazônica**

O arquipélago do Marajó, interpretado também como Marajó das Florestas e Marajó dos Campos, por sua singularidade geopolítica e histórica em constantes trânsitos culturais e comerciais pelo estuário amazônico, outros estados e países com a região (PACHECO, 2006), fica localizado no norte do Pará. No percurso deste artigo, situo a minha fala na parte do ocidente marajoara onde se localiza o município de Breves-PA.

---

<sup>1</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia (UFPA), doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (UFPA). E-mail: dione.breves@hotmail.com

A cidade de Breves fica situada a sudoeste do Arquipélago do Marajó, tem como municípios limítrofes Portel, Bagre e Melgaço. A cidade tem aproximadamente cem mil habitantes, segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) <sup>2</sup>. A data oficial de sua fundação é de 19 de novembro de 1738, quando o Capitão Geral do Pará concedeu aos irmãos portugueses Manuel Breves Fernandes e Ângelo Fernandes Breves uma sesmaria localizada às margens do rio Parauaú, para onde se dirigiram com alguns membros da família e formaram um pequeno povoado. Mas foi somente em 25 de outubro de 1851 que passou a constituir-se oficialmente como município.

E deste lugar – às margens do rio Parauaú – fundou-se estrategicamente, em termos geográficos, a atual relevância da cidade de Breves. A localização da cidade, especialmente em função da área portuária, despontou como entreposto de navegação, relações comerciais e itinerários de viagens para várias regiões da Amazônia. Essa realidade fez-me entender os modos de sentir, pensar e agir dos personagens em meio as constantes idas e vindas entre a cidade, os rios, as florestas, tendo na área portuária a porta de entrada para estudar as relações sociais, as transformações na paisagem e na economia local entre os anos de 1940 a 1980.

Este trabalho sobre a área portuária é também sobre a história de Breves. Não há como negar o valor desse espaço para a constituição da cidade. Escritos sobre a região mencionam o forte comércio fluvial e as trocas culturais que aconteciam nas margens do rio Parauaú desde o século XVII, antes do lugar se constituir como cidade. Após três séculos de história, o porto ainda é referência para o desenvolvimento econômico e sociocultural do município na região do arquipélago de Marajó (LEÃO, 2014).

Nesse sentido, no período de escrita da dissertação (2012-2014) recorri a diferentes narrativas: memórias, textos jornalísticos, imagens, documentos oficiais e crônicas, para desse modo apresentar pontos de vistas múltiplos da história de Breves. Alargando essa interpretação, para este artigo, tratamos da constituição cosmológica em torno da cobra e outros seres encantados no município de Breves. Essa reflexão surgiu da segunda parte de minha dissertação de mestrado defendida pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia (UFPA), quando estudava as narrativas

---

<sup>2</sup> Os dados foram fornecidos na agência do IBGE, localizada em Breves baseados nas últimas pesquisas feitas no município, embora no site oficial a última atualização seja do ano de 2010, ocasião do último censo demográfico brasileiro; nesse período o município tinha 92865 habitantes, distribuídos entre zona urbana e rural.

orais em torno da área portuária da cidade e captava também sentidos de uma cosmologia reafirmada em códigos de narratividades locais.

Não podíamos deixar mencionar que as práticas de narrar o modo de vida no Marajó, seus sistemas de crenças e religiosidades foram produzidas mediante os contatos entre o pensamento ocidental europeu e as práticas sociais de matrizes indígenas e até africanas durante o processo de colonização da Amazônia. Particularmente, o saberes culturais de tradição oral, em Breves, estão ancorados em cosmologias indígenas atualizadas em memórias subterrâneas (POLLAK, 1989) de moradores do meio urbano e populações do meio rural.

Objetivamos com essa compreensão discutir nas idas e vindas de moradores a conformação de uma memória social construída no e pelo porto acerca desta cosmologia. Sob a perspectiva da história e antropologia analisamos as narrações orais coletadas desses sujeitos por meio da metodologia da História Oral (THOMSON, 1997; PORTELLI; 2006, DELGADO, 2010) nessa parte da cidade entre embarques e desembarques de pessoas, cultura e produtos.

No total foram 20 entrevistas, sendo 06 mulheres e 14 homens, nas mais diferentes ocupações. Para montar essa rede de informantes, levei em consideração os critérios de idade, saúde, afinidade e experiências vivenciadas no local de pesquisa, desde a década de 1940 até o final dos anos de 1980, período referencial da pesquisa. Para esta análise, interpreto as narrativas orais de cinco sujeitos: seu José Luiz Pena Pereira, Antônio Soares, João Ailto Sena Melo, Augusto Cesar Leite Barros e Idevaldo Santos Paes Filho. Trabalhadores, moradores e ex-moradores da cidade na época da pesquisa.

No percurso deste texto, primeiro situamos na tela “Mística Marajoara” os aspectos que envolvem as narrativas de encantados representados simbolicamente no fazer artístico de J. Tadeu, sem perder de vista suas relações com a história local e os estudos dos modos de vida da população. Nessa mesma direção, analisamos as narrativas orais de moradores da região que dão existência espiritual aos poderes cosmológicos da cobra grande a partir da área pontuaria da cidade. Em seguida, finalizamos essa interpretação, evidenciando a significação histórica e simbólica tecida nas narratividades em torno deste réptil.

## Em tela local “Mística Marajoara” a presença simbólica da encantaria na Amazônia



Imagem 01 - Tela intitulada “Mística Marajoara”, acrílico sobre tela de autoria do artista local J. Tadeu, 2007.

Como podemos observar na imagem, o artista local J. Tadeu procurou sintetizar em sua obra as narrativas orais de encantados que compõe o mundo amazônico, tendo como palco para essas manifestações culturais o mundo das águas. Nos escritos de Pacheco sobre o arquipélago marajoara, os mares, baías, rios, furos, estreitos, lagos, igarapés, igapós, campos inundados, imensos aguaçais são lugares amazônicos onde se inscrevem e são captadas diferentes histórias, saberes de mulheres e homens de matrizes multiétnicas que aqui viviam desde os tempos mais longínquos, foi por meio dos regimes das águas que criaram saídas para sustentar vidas, alinhar identidades, saberes e crenças na insularidade de seus modos de ser, trabalhar, festejar e morrer (PACHECO, 2009, p. 410).

Nesse sentido, a existência de seres encantados representados na referida tela como o boto, a cobra grande, iara, vitória régia e outras surgidas das lembranças dos sujeitos históricos que compõe esse artigo, sereias, matintas, estão intimamente ligados aos elementos da natureza como terra, flora, água e às representações das moradas dos encantados. Seres considerados por Maués (1995) como pessoas comuns que não

tiveram a experiência da morte corporal, passaram diretamente para o mundo espiritual, espécies de entidades da pajelança cabocla que habitam as profundezas de rios e igarapés ou o interior das florestas. Estudá-los é uma forma de valorizar as sabedorias tradicionais, os sistemas de crenças revelados nas experiências dos moradores de acordo com o contexto natural e cultural onde se desdobram e realizar uma compreensão descontextualizada dos seus saberes, sem separá-los de suas relações com o todo (*holon*) dentro do qual está imerso (TOLEDO, 2009, p. 40).

Seguindo esse parâmetro, podemos compreender melhor as relações de extrema dependência entre seres humanos e meio ambiente, reveladas nas paisagens aqui configuradas. Dos quais destaca-se a água como a grande metáfora da vida, pois dela, nela ou por ela emanam, correm e podem ser concretizadas todas as necessidades humanas, espirituais e intelectuais. Somente populações inseridas num sistema de símbolos e crenças são capazes de assegurar suas difíceis formas de vida e criar explicações para a existência de encantados, visagens, assombrações e seres sobrenaturais, tão fortemente desclassificados pelo letramento ocidental e lidos como objeto folclórico (PACHECO, 2009, p. 411).

Assim, convém salientar que em Breves, assim como em outros espaços urbanos da Amazônia, no período de estudo de 1940 a 1980, embora existisse aquisição de novos conhecimentos através do ensino institucionalizado e das mudanças socioculturais, os saberes dos espaços de rios e florestas se faziam presentes. Atualizados em sua maioria pela tradição oral, por trás das narrativas sobre os encantados que habitavam as águas do rio Parauaú, as ruas do bairro centro e periferias recém-criadas nos finais dos anos de 1970 e 1980, por onde avançaremos nas análises a seguir.

### **Em narrativas orais as cosmologias da encantaria brevensense**

As cosmologias que envolvem as relações com águas marajoaras, a configuração dos espaços urbanos e, conseqüentemente, da área pontuaria da cidade de Breves tem existência no sistema de crenças e religiosidades nos encantados. Dentre essas narrativas está a da cobra grande bastante conhecida entre a população local. Nas reminiscências de José Luiz Pena Pereira o ser lendário vive embaixo da Igreja Matriz da cidade.

Logo quando eu cheguei em Breves, teve um caso de uma senhora que contava que a terra partiu até onde é o hospital, quando tiraram a santa do altar pra levar para Antônio Lemos, que trocaram a padroeira e Santana ia pra lá; outra coisa que contam é a respeito de uma cobra que apareceu debaixo da igreja matriz, ela vive lá em baixo, se ela se mexer a terra racha e pode desabar a igreja.<sup>3</sup>

Para os entrevistados, essa cobra gigantesca que habita o fundo dos grandes rios e vez por outra submerge das profundezas para interagir com os homens, conforme veremos nas narrativas emitem sons singulares, o gigantismo de suas aparições chegava a alterar as margens de rios, deixando marcas nos relevos das florestas.

Galvão, que estudou a vida religiosa de Itá, nome fictício para a cidade de Gurupá, no Baixo Amazonas, afirma que a aparição da Cobra Grande variava conforme a localidade, às vezes, no fim da tarde ou à noite, tendenciando a aparecer com maior frequência em dias de tempestades, pois essas espécies são frequentes na época mais chuvosa do ano. Na escuridão seus olhos brilham com a mesma intensidade de um farol de barco. Habitam a parte mais funda do rio, aparecendo vez por outra na superfície (GALVÃO, 1976, pp. 71-2).

Eu ouvi falar de bicho que cercava o caboco no rio, alagavam as canoas. Eu conheci um camarada que contava que ele vinha abeirando o capinal grande, era luar e ele vinha subindo o rio, água seca, quando ele olhou pra trás, que ele prestou atenção e viu o mondrongo da cabeça da bicha, que vinha seguindo ele, aí ela passou dele e cercou no que ela cercou, ele meteu a canoa na canarana e saiu puxando o casco dele, ela deu um balão assim e voltou, passou de onde ele tava deu uma volta e voltou de novo, ele foi puxando o casco no meio da canarana, aventurando a vida né? Aí ela deu com rastro do casco dele de novo, ela montou em cima dele, com a boca aberta, a sorte que ele levou uma espingarda cartucheira e boom, dentro da boca dela, ela afrouxou e sentou, foi uma catinga que ela soltou, esse cara quase que morria, ficou assombrado, só não morreu porque não matou ela.

Na narrativa de seu Antônio Soares, momentos de terror e suspense vividos no cenário amazônico de rios e florestas, alertam para os perigos constantes que cercavam os moradores de áreas ribeirinhas no período de estudo. O apetite voraz da cobra grande e as habilidades de virar os meios de transportes como canoas e barcos menores chamam a atenção para naufrágios e a presença de animais do fundo que devoram o corpo de homens e animais.

Seu Antônio também reforça a crença de que matar esse animal atrai desgraça e ruína. Segundo o folclore popular, quem vê a cobra fica cego, quem a ouve fica surdo

---

<sup>3</sup> Entrevista com o senhor José Luiz Pena Pereira, ex-morador de Breves, realizada no dia 24 de março de 2013.

e quem a segue fica louco. Muitos que a viram voltaram mudos, com febre e assombrados. Não existe nela nada de sensualidade de tantos outros mitos. Não se transforma em homem ou mulher, não seduz, não ajuda, ataca sempre para matar. Nas águas, parece um imenso tronco de árvore a boiar na superfície (ALIVERTI, 2005, pp. 288-9).

Um dia, meu cunhado se sumiu, ele morava num riozinho. Nesse dia eles foram colher arroz, era dia de São Tomé, eles foram pro roçado, mas o Raimundo foi pescar no igarapé, nessa hora arriou um temporal, aí as pequenas entraram tudo pro quarto, quando o Mané Paulino com a Antônia chegaram, já era noite, a chuva já tinha passado e ele não tava mais no roçado, trabalhava o Haroldo e ele, quando perguntaram pelo Raimundo, não sabia nada, quando foi de manhã tiveram procurando, acharam o casco dele no outro lado, lá na beira, o remo, o chapéu, tava tudo, só não tava ele, até o cachimbo tava, nunca acharam ele, chamaram a polícia, o pensamento era esse na ocasião, dizem que quando dá esse temporal grande é que a cobra vem, a cobra deve ter buiado na ilharga dele e ele remou, remou, quando ele saiu pra terra ela pegou ele, só sei que ele nunca apareceu vivo. Depois de uns oito dias acharam um cadáver, dizem que era esse rapaz. Ele sumiu do lado daqui do Caruaca e foram achar do outro lado da baía, a cobra vomitou, porque ela não come, ela engole e vomita longe.<sup>4</sup>

Para além do suspense e do medo comuns na região atribuídos a estes seres, os depoimentos de seu Antônio Soares trazem outros traços da cosmologia marajoara ao narrar os episódios envolvendo a cobra grande; de suas memórias emergem modos de vida do caboclo ribeirinho, costumes, como andar de canoa, fumar cachimbo, pescar, colher e implicitamente está a crença de guardar dias de santo como forma de evitar castigo. Podemos ainda observar o conhecimento do entrevistado sobre os perigos naturais relacionados ao regime das águas, animais e fenômenos climáticos.

No período estudado, narrativas parecidas circulavam por todo o Brasil e sofriam adaptações conforme os contextos históricos, econômicos e sociais de cada localidade. No rio São Francisco, por exemplo, a cobra-grande é conhecida pelo nome de Minhocão, locomove-se tanto na terra como na água, cava túneis debaixo da terra, que formam as galerias subterrâneas, as cavernas e os desbarrancamentos. Em toda a extensão do pantanal, o Minhocão costuma perseguir e, às vezes, devorar os pescadores e banhistas, sua aparição é quase exclusivamente à noite.<sup>5</sup>

No sul do Brasil, o Boitatá liga-se à cobra-grande. Muitos animais morreram de uma enchente e a cobra grande só comia os olhos desses animais mortos, assim ficou

---

<sup>4</sup> Entrevista com Antônio Soares, realizada no dia 24 de fevereiro de 2013.

<sup>5</sup> Idem

empanturrada e se transformou em ser luminoso, e seus olhos passaram a se constituir em fontes de luz e de fogo. Esse mito está ligado também ao fogo-fátuo, resultado da combustão dos gases que se desprendem dos cadáveres que entram em contato com o ar (PINTO, 2008, pp. 7-8).

Para Silveira, essas narrativas emergem como forma ricamente elaborada de contar as experiências vividas num contexto sócio histórico, possuidor de densa memória individual e coletiva. Ou seja, as narrativas desses personagens revelam as transformações ocorridas nos lugares de pertença. Por meio da memória o narrador é capaz de evocar em sua fala as imagens relativas às dinâmicas das paisagens, suas modificações e modelagens ao longo do tempo (SILVEIRA, 2011, p. 138).

Em muitos casos as histórias dos encantados apareceram nos depoimentos envoltas de nebulosas lembranças. No centro dessas narrativas estava uma mistura de acontecimentos fantásticos com aqueles tidos como reais e históricos, pois descreviam pessoas, lugares e fatos que existiram com acontecimentos misteriosos, inexplicáveis àquele contexto,<sup>6</sup> conforme veremos na narrativa a seguir de seu Antônio Soares.

Aqui na frente já se sumiu muita gente, tem aquele caso que nunca acharam, do rapaz que o casco se alagou, um sobreviveu, mas o outro sumiu, nunca encontraram, dizem que ele se encantou, a mãe dele foi atrás de benzedor pra vê se descobria alguma pista e eles disseram: ele não morreu, mas se encantou, mora no fundo do rio agora. Outra vez, dois nordestinos estavam no trapiche e lá tinha duas balsas e os dois estavam brincando, bebendo cerveja e brincando, se alagaram e também nunca acharam o corpo deles. Teve também outro caso, o de um casal, eles saíram bebendo cachaça no rio. Acabava a cachaça e compravam outra garrafa, o casco se alagava e eles desalagavam e assim eles ficavam, e teve um dia que sumiu todos dois, ninguém sabe se morreram ou se o satanás levou os dois, ou se o bicho pegou no rio, aqui na frente da cidade.<sup>7</sup>

Esse depoimento serve para mostrar como os diferentes moradores que viviam em espaço urbano no período de pesquisa encaravam a situação de morte por afogamento em cidades ribeirinhas, onde o rio desempenha diferentes funções. Não foram poucos os casos que tiveram final trágico, envolvendo pessoas de todas as faixas etárias em rios e igarapés da cidade, que em momentos de diversão perdiam a vida e os

---

<sup>6</sup> Segundo Le Goff a crítica da noção de fato histórico, tem provocado o reconhecimento de realidades históricas negligenciadas por muitos tempos pelos historiadores. Junto à história política, a história econômica e social, à história cultural nasceu uma história das representações que assumiu formas diversas ligadas as ideologias, mentalidades e ao imaginário permitindo tratar os documentos literário e artístico como plenamente históricos, sob condição de ser respeitada sua especificidade; histórias das condutas, das práticas, dos rituais, que remete a uma realidade oculta, subjacente, ou história do simbólico, que talvez um dia conduza a uma história psicanalítica, cujas provas do estatuto científico não parecem ainda reunidas (LE GOFF, 2012, p. 13).

<sup>7</sup> Entrevista de Antônio Soares, ex-trabalhador da área portuária, realizada no dia 24 de fevereiro de 2013.



corpos desapareciam, alimentando na população a crença nos encantados, benzedores e curadores.

Segundo Le Goff (1994) imaginário mantém uma relação dinâmica e recíproca com as sociedades as quais pertence e muda de acordo com os ritmos da história. Através dessas mudanças é possível ler e apreender o funcionamento mais vasto de uma sociedade. Ou seja, o imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade.

Nesse sentido, referências a encantados, bichos do fundo, caruanas, cobras grandes, botos, mães do rio, dos igarapés, flechadas de bichos, mau-olhado, mundiação, desencantamentos e muitos outros convergiam com o vivido das populações em teia com os rios e as florestas. Percebemos tratar-se de religiosidades que dão existência espiritual ao modo de vida marajoara. Nesse caso, os encantados habitam o mundo submerso dos rios e dos igarapés, uma vez transformado em encantado, um sujeito jamais retornava ao reino dos vivos (MAUÉS, 2007, pp. 153-182). O trecho da narrativa apresenta algumas das características aqui relacionadas.

Há alguns anos, eu acolhi atrás do meu bar um velhinho abandonado por seus familiares, ele estava com graves problemas de saúde. Em nossas conversas, ele me confidenciou que todo dia, às 14 h mais ou menos, um pretinho vinha chamar ele pra ir ao encontro de uma sereia embaixo do Trapiche Municipal, era uma mulher de cabelos longos, nua da cintura pra cima e seios pequenos, eles conversavam dentro da água, ela oferecia um líquido para ele tomar. Ele ficou com medo e então foi atrás de um benzedor, que disse pra ele não tomar esse líquido, se não ele ia vê o que ia acontecer com ele, ela ia levar ele pro fundo. Ela sempre pedia pra ele não contar nada pra ninguém a respeito da sua aparição. O velhinho acha que devido ele ter me contado tudo, ela parou de mandar o pretinho chamar ele. Eu nunca fui atrás pra vê se a história era real, mas estranhava o fato dele sumir de repente e voltar todo molhado.<sup>8</sup>

Na categoria de encantados, as serpentes e as sereias são figuras muito mencionadas, estão presentes no repertório literário ocidental há séculos de duração. Os relatos mais remotos apontam para o *Velho Testamento*, quando Eva comeu o pomo proibido oferecido pela serpente, a partir daí a Igreja não deixou de considerar a mulher e a serpente como as maiores representações do mal. Durante a Idade Média, essas figuras podiam simbolizar forças naturais vinculadas com a fertilidade dos campos. No

---

<sup>8</sup> Pesquisa feita pelos alunos do PARFOR pelo Instituto Federal do Pará, curso de Pedagogia 2011, como quesito avaliativo para a disciplina Fundamentos Teóricos e Metodológicos da História, ministrada em janeiro de 2013.

período barroco, essas criaturas misteriosas apareciam sob a forma de donzelas formosas, com cabelos soltos, na cabeça coroa de ouro e da cintura para baixo serpentes escamosas, eram as mouras encantadas que guardavam tesouros encantados que a imaginação popular acredita existirem no centro da terra, sempre ligadas ao elemento água, próximo a poços e fontes (DEL PRIORE, 1995, pp. 49-74).

Apesar dos diversos casos de mortes por afogamento na orla portuária, pela narrativa é possível perceber que raramente o encantamento se efetivava, levantando a possibilidade que nem todos os desaparecidos nos rios e igarapés se tornavam encantados. A advertência do benzedor na narrativa sobre a sereia do trapiche municipal aponta para essa versão, apenas era levado para o fundo por um encantado aquele que fosse o escolhido para tal fim. Para evitar ser encantada, a pessoa não poderia comer as coisas que lhes eram oferecidas no reino dos encantados, caso contrário não voltaria a viver na superfície, como os demais seres humanos.

Outro encantado presente na memória da população local era o boto. Durante todo o dia era possível observá-los, saltando no rio Parauaú ou acompanhando as canoas. Idevaldo Paes Filho e Clodoaldo Souza se referiram a este ser como fazendo parte da sua infância.

O que dava era muito boto aqui, a gente tinha mais medo do boto vermelho, que falavam que era isso que era aquilo, boto tinha muito aqui nessa beirada, demais, por que aqui dava muito peixe. O pessoal contava muita história do boto vermelho, a gente era mais cismado com o vermelho, que é o rosa que falam, tinha essa história que o que era mal era o vermelho.<sup>9</sup>

A gente tinha aquelas crendices de boto. Quando a gente ia pescar, ficava com receio, ainda mais quando aparecia um boto, aí a pescaria não prestava mais, ficava com medo, vai que ainda ele ia querer me levar pro fundo.<sup>10</sup>

Na Amazônia, existem duas espécies de botos, o vermelho considerado perigoso, e o pequeno, o “tucuxi” de cor preta. As pessoas acreditam que o menor é protetor, afugenta o vermelho de perto de canoas e socorre os afogados, empurrando-os para as margens dos rios. No caso dos depoimentos de Clodoaldo e Idevaldo, ambos provocavam medo, sendo melhor evitá-los, devido aos relatos envolvendo esses animais com seres do fundo dos rios e encantados.

---

<sup>9</sup> Entrevista com Idevaldo Santos Paes Filho, comerciante na área portuária, realizada no dia 23 de março de 2013.

<sup>10</sup> Entrevista com Clodoaldo Vieira de Souza, ex-trabalhador da área portuária, realizada no dia 10 de abril de 2013.

Galvão explica que na mentalidade amazônica esses animais se transformam em seres humanos para adentrar aos pequenos povoados e vilarejos em busca de mulheres. Assumiam características físicas europeias, pele branca, olhos azuis, deixando suas vítimas encantadas (GALVÃO, 1976, p. 67).

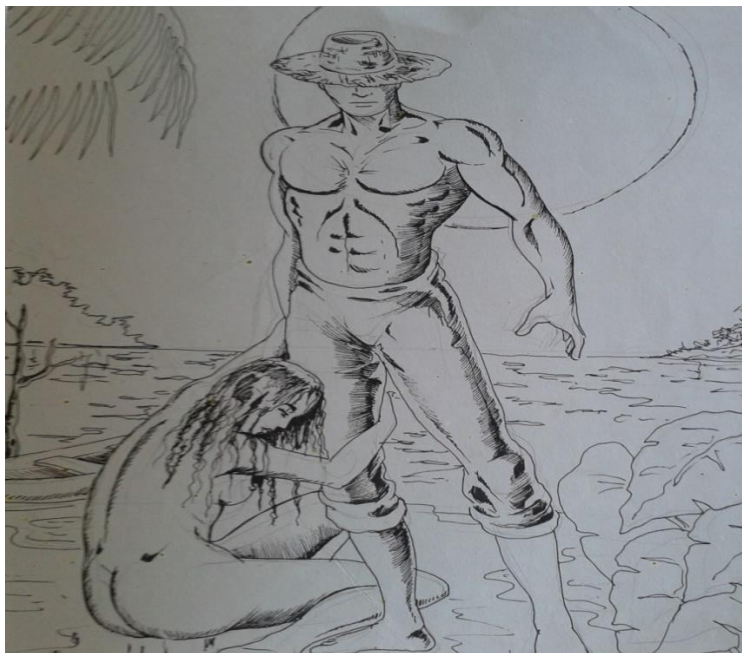


Imagem 02 - Representação do boto - desenho de J. Tadeu, 2010.

Muitas são as versões para as narrativas envolvendo o boto, em muitos casos acredita-se que o referido era a saída social para as moças que engravidavam sem casar. Uma espécie de desculpa que desviava a jovem do papel de transgressora para a de vítima. Também serviria ao rapaz que engravidou uma jovem, uma vez que não será procurado, nem identificado, nem responsabilizado. Como resolve tantos “desconfortos”, o boto apresenta-se como uma saída socialmente interessante. Contudo, como nos lembra Todorov, o importante não é se o fato ocorreu, ou não, se é verdadeiro ou não, e sim, por que caminhos as pessoas tornaram ele possível de ser transformado em verdade (TODOROV, 1982, pp. 3-17). Os encantados são constantemente atualizados na memória local, sendo (re) significados nas narrativas.

Quando eu era criança e a gente morava no interior, meu pai viajou e ficou eu, minha mãe e meus três irmãos. Uma noite, a gente estava dormindo e a mamãe assustada acordou a gente, pois ela sentia que tinha alguém dentro da casa, no corredor. Quando ela fez o barulho, a coisa correu pela cozinha, desceu ao redor da casa e pulou na água. No outro dia, minha mãe amanheceu com muita dor de cabeça, febre, vômito e, em frente a casa um monte de botos boiando. Foi preciso bater um monte de dentre de alho dentro de uma cuia e meu irmão

mais velho foi jogar lá no meio do rio pra espantar os bichos e, nós fomos pra casa da vovó pra ela cuidar da minha mãe.<sup>11</sup>

Conforme as tradições amazônicas, para livrarem-se da visita indesejada dos botos, os ribeirinhos realizavam uma mistura de crenças bem típicas da região, envolvendo práticas mágicas como amassar alho para jogar no rio, colocar cruzeiros nas portas, jogar água benta no rio, dentre outras técnicas, além do tratamento com benzedores.

Nos anos de 1970 e 1980, as aparições de encantados ocorridos no contexto da cidade nos ajudam a pensar o espaço urbano e a paisagem, bem como as condições desse espaço, pois muitas vezes as narrativas nos remetem não apenas aos acontecimentos, mas também às condições da infraestrutura física, apontando ruas esburacadas, esvaziadas e mal iluminadas. Os elementos do mundo da encantaria faziam parte do cotidiano e das experiências dos sujeitos entrevistados, entrecruzando visões de mundo atuais à época, com aquelas herdadas dos espaços rurais nas redes nada lineares da memória.

Entre os *Bichos Visagentos*, o caso mais famoso refere-se a um *bode* que aparecia na Rua Castilho França, nas proximidades da casa de show Papy Dance Club, por esse motivo o lugar ficou conhecido como “alto do bode”. “Era um bode preto, só aparecia à noite, ele corria atrás das pessoas, até saírem da rua, ou entrarem nas suas casas, era visagente, sumia de repente, aparecia de novo, todo mundo que morava por ali falava desse animal misterioso”, complementou Benedita Leão do Amaral, por muitos anos, moradora da rua mencionada.

Segundo as memórias de Augusto Barros, entre as décadas de 1960 e 1970, essas aparições aconteciam principalmente porque “só tinha luz até às 22h”.

Havia muitos comentários sobre visagens e pessoas que se transformavam em visagem como, por exemplo, o bode da Castilhos França, que transformou a rua em alto do bode, a dona Loba, que morava na esquina da Dr. Assis com a Castilhos França, que tinha a fama de se transformar em uma porca, o velho Pitilique, que também tinha a fama de se transformar em animal em noites de lua cheia.<sup>12</sup>

Galvão que denominou esses seres de fadistas, dizia tratar-se de pessoas que tinham um fado (destino ou sina) de transformarem-se em animais todas as noites. Os fadistas eram vistos como pessoas que fizeram um pacto com Satanás, em troca de

---

<sup>11</sup> Entrevista com João Ailto Sena Melo, ex-trabalhador da área portuária, realizada no dia 02 de março de 2013.

<sup>12</sup> Entrevista com Augusto Cesar Leite Barros, ex-morador da cidade realizada no dia 20 de março de 2013.

algum tipo de vantagem, dinheiro ou poderes excepcionais e, por isso, além de terem entregado sua alma, ainda eram punidos pelo fado, isto é, o destino de terem de transformar-se em animais durante a noite (GALVÃO, 1976, p. 21).

Eu lembro quando eu cheguei para morar em Breves, nos finais de 1970, era no meio do mato a casa, tinha muitas histórias, não tinha energia nessa parte da cidade, falavam que tinha Matinta Perera por ali, aí a gente ouvia aqueles assovio feio de pássaro ou outro bicho, era estridente (imita o som), não era humano. Não tinha vizinho perto de casa, dava muito medo. Mais acima então morava uma velha, ela fumava muito, morava numa casinha, o pessoal dizia que ela era a Matinta que assoviava de noite.<sup>13</sup>

As narrativas sobre a *Matinta Perera* reconhecidas no universo amazônico e recriadas nas memórias de João Ailto Sena Melo, referem-se às mulheres, mais precisamente senhoras idosas que viviam no isolamento e o no retraimento social ainda vigente no período. Os fadistas eram geralmente pessoas excluídas, por não seguirem determinadas regras sociais comuns à época em que viveram. Apesar da visão pejorativa que recaía sobre eles, notamos nos estudos de Maués e Villacorta aparecerem certos poderes agregados às suas imagens.

Nesse universo de crenças e práticas da pajelança cabocla na região do Salgado, mais especificamente Itapuá, Colares e Vigia, os autores destacaram o seguinte:

A Matinta Perera transformava-se em vários tipos de animais, como porcos, morcegos e aves, sendo capaz de voar, sendo vista como a mais perigosa feiticeira que existia. No momento da pesquisa em Itapuá, falava-se abertamente na existência de três matintas no lugar: uma delas era a mulher pajé, cujos poderes como curadora não eram muito considerados pela população, e o marido não trabalhava; outra era uma mulher que traía o marido; e uma terceira era de cor morena, quase negra, mas com alguns traços que lembravam uma índia, como o cabelo bastante liso, a hostilidade estava na sua cor considerada preta, por ser casada com um homem branco e morar na povoação de Itapuá, longe do lugar habitado por descendentes de escravos (MAUÈS;VILLACORTA, 2004, p. 31).

Outra narrativa contada em Breves, também tem como personagem principal uma mulher, conhecida na década de 1980 como *A Loira do Cemitério*. Trata-se de adaptação local de uma lenda muito comum em vários lugares do Brasil, foi narrada pelos entrevistados em vários tempos e contextos, vale a pena conhecer algumas dessas versões. A primeira, por volta da década de 1950, quando seu Antônio Soares estava a

---

<sup>13</sup> Entrevista com João Ailto Sena Melo, ex-trabalhador da área portuária realizada no dia 02 de março de 2013.

passêio em Breves (pois vivia na área rural) e gostava de ficar reunido em frente a uma pensão na área portuária da cidade.

Ali onde é o mercado, no lado daqui, hoje em dia é do Gringo, nesse tempo era do finado Osorino e tinha uma casa de hóspede bem no lado assim, e tinha um coletor que morava lá com a turma da coletoria, o coletor era o seu Osmar, e uma noite eles vinham pra pensão da tia Ló, como a gente chamava, ele vinha jantar, aí a loira vinha subindo a cidade, ela se transformou numa mulher solteira, parecida com a mulher que o coletor namorava, ele a enxergou e parou na lharga dela, mas ela não falou nada, ele disse então: “Olha dá um balão por aí, que eu vou jantar aqui e me espera lá na frente de casa” e foi embora, aí acabaram de jantar e ele disse pro outro parceiro dele: “Me dá a chave, hoje tô meio baquiado, vou dormir”, ele respondeu, pegou a chave eu tava lá na frente com eles conversando. Mas antes dele chegar na casa se ouviu um quebra, quebra na casa dele, jogavam banca, jogavam cadeira, aí a Neri, filha do Osorino disse: “Isso é visagem, não tem ninguém aí, saíram tudinho”. Aí quando o coletor veio e chegou na casa ele meteu a chave, abriu a porta, empurrou, e a loira tava sentada de costa na rede dele, e ele pulou pra lá com ela, ele pensava que era essa namorada dele, mas não pegou ninguém, era a loira do cemitério, ela sumiu de repente. Ele tinha marcado com ela lá, né? Aí esse coletor saiu de costas gritando: “Tinha uma mulher na minha rede e sumiu”, nós ainda fomo espiar, mas não tinha era nada. É por isso que eu digo, que tinha essa mulher que andava na rua, tinha, muita gente via ela na avenida, baixando pra cá pro rumo da beira do rio, mas eu acho que a lenda deve ser isso, a loira de Breves existia, porque era muita gente que via na avenida, muita gente que via, dessa vez eu ouvi essa zoada.<sup>14</sup>

Embora o narrador se defina como católico, ao justificar o episódio da aparição da loira em uma frase: “isso é coisa do tempo e se acabou, é essas gente que morre e não tem sarvação, anda, anda até quando muitas vez se salva ou às vezes não fica por aí”. Demonstra o conflito de visões de mundo diferentes entre o catolicismo oficial e o saber popular, resultante de um sincretismo religioso comum em muitos lugares da Amazônia, percebido na presença de crenças católicas associadas às religiões de matrizes africanas, à pajelança cabocla e indígena (CAVALCANTE, 2012, p. 41).

Tem outra história que contam, essa foi verdade, do pai do finado Idevaldo Paes, chamava-se Teófilo Paes. A mulher dele tinha morrido, ele se juntou com uma mulher, que morava pra li pro outro lado do Miguel Bitar, que nesse tempo era um campo de futebol, já faziam casa lá pro outro lado e essa mulher, que era companheira dele, morava pra lá e ele trabalhava pra lá com o filho. Quando terminava de tudo pras banda das nove, dez horas, ele vinha embora aí pra casa da mulher da Zuleide Ferreira e um dia ele vinha andando, tinha dado uma chavinha, aí apareceu uma mulher pra ir de companhia com ele, aí ele disse: “Passe na minha frente”, ele tinha uma lanterna de pilha, aí ela disse: “Pois é, escute a cidade escura, não se sabe quando vai ter

---

<sup>14</sup> Entrevista com Antônio Soares, ex-trabalhador da área portuária, realizada no dia 24 de fevereiro de 2013.

um prefeito que venha botar luz na cidade”, aí eles foram, ela na frente, ele atrás, iluminando o caminho pra ela, vieram embora, não conversaram mais, de repente ela parou e disse: “É aqui que eu moro”, agradeceu a companhia, aí o barulho do portão, que ele olhou, era o portão do cemitério, era uma visagem, assombração, aí ele deu uma desguinada pra trás, ele mesmo contava essa história pra gente, aí ele correu atravessou o campo de futebol e chegou gritando pra mulher que ele vivia, se jogando em cima do assoalho e desmaiando, até que ele se acordou e foi contar a história do cemitério.<sup>15</sup>

Nessa segunda narrativa, as aparições da loira levam a outros perímetros da cidade, identificando um alargamento das fronteiras e novas periferias, o cemitério Santa Rita ficava no meio da mata, chegava-se lá por um caminho conhecido como Passagem da Saudade. Notamos ainda o tom contestador entremeado na narrativa, apontando a necessidade de políticas públicas adequadas àquela realidade, como a implantação de um sistema de iluminação pública para tirar das escuras a população.

A terceira narrativa é uma versão ribeirinha para a famosa história da *Loira do Taxi*, recriada para o cotidiano de centenas de pessoas que se utilizavam das embarcações como meio de locomoção entre a cidade e outras regiões. Conhecemos essa readaptação através das memórias do entrevistado Augusto César Leite Barros, nos anos de 1970.

O Sr. Pedro dos Reis Vaz, certa vez, estava no empurrador Sandro, aguardando o momento de realizar uma viagem, quando chegou uma moça no porto e perguntou se ele ia viajar e se sua viagem tinha como passagem a vila Corcovado. Ele respondeu que sim, ela então pediu uma passagem para uma localidade que ficava em frente à vila, seu Pedro convidou a moça para adentrar a embarcação e ficaram os dois proseando. Quando já estava bem próximo de Corcovado o comandante solicitou que a passageira indicasse o local exato onde ela ia ficar. Eis que começou a chover e já estava anoitecendo. Ele fez o encosto e Pedro Vaz ficou preocupado com a jovem devido à chuva que caía e a distância que a residência ficava da cabeça do trapiche, mas ela disse que ele não tinha com o que se preocupar e inclusive convidou seu Pedro para desembarcar, para tomar um café, seu Pedro agradeceu e disse que em seu retorno daria uma parada para tomar o café oferecido e, assim aconteceu. No seu retorno, Pedro Vaz se lembrou da passageira e do café, pediu então que o comandasse encostasse no porto onde a moça havia descido. Para surpresa de seu Pedro, um senhor idoso veio recepcioná-lo no trapiche, seu Pedro desembarcou e foi convidado para ir até a residência e começou a conversar com o dono da casa. Seu Pedro, então, resolveu tocar no assunto da passageira que ali ele havia deixado, o velhinho então retrucou: “Meu amigo não me lembro de o senhor ter parado aqui em meu porto nos últimos tempos”, Pedro então sentiu um calafrio, mas

---

<sup>15</sup> Entrevista com Antônio Soares, ex-trabalhador da área portuária, realizada no dia 24 de fevereiro de 2013.

insistiu: “Meu amigo, encostei sim, inclusive estava chovendo muito forte e a moça inclusive me convidou para descer para tomar um café. O velhinho então falou: “Mas seu Pedro, aqui só mora eu e minha mulher”, foi então que Pedro viu um quadro com a fotografia da moça na parede e apontou falando: “Meu amigo foi àquela moça do quadro que eu deixei aqui”. O velhinho então sorrindo disse: “Essa moça é minha filha seu Pedro, só tem um porém ela faleceu fazem dois anos”.<sup>16</sup>

Muitos moradores afirmam que nos anos de 1980 as aparições da Loira do Cemitério em Breves aumentaram significativamente, sempre seguindo as características das narrativas acima, uma mulher bonita que se encantava por algum rapaz. Cabe ressaltar que os anos de 1970 e 1980, marcaram o ápice das boates espalhadas pela Curica. Na Castilhos existia ainda a Danceteria Guanabara e na Passagem da Saudade a sede do Salão Azul, que movimentavam a cidade. Pelos relatos a loira esperava os rapazes na frente desses locais e os conduzia ao cemitério. Somente pela manhã se davam conta que tinham passado a noite com uma visagem. A história provocava pavor aos moradores, principalmente nas crianças. Vez por outra surgiam burburinhos das supostas aparições da loira pelos quatro cantos da cidade.

### **Palavras finais: encantados entre a cidade e rio**

No decorrer da escrita desse texto foi possível perceber que área portuária é muito mais do que um lugar de entrada e saída de pessoas e mercadorias, guarda em si uma intensa memória social da cidade. Foi por meio das inúmeras narrativas recontadas pelos entrevistados, que tiveram ligação direta com esse espaço que outros horizontes de entendimento sobre a vida na cidade foram ampliados. Os conhecimentos repassados por eles redesenham sobre o pano de fundo da encantaria as crenças e tradições que permeiam os modos de pensar e agir da população atual.

Nesse cenário, os saberes de populações tradicionais que migraram para Breves nos anos de 1940 a 1980, período referencial da pesquisa, entrelaçaram-se aos dos moradores da cidade, reconfigurando os sistemas de crenças e valores. As narrativas dos entrevistados deixaram claro que é impossível pensar nas dimensões da vida cotidiana, fora do contexto em que estavam inseridas. As trocas entre os moradores locais e as populações tradicionais em trânsito constante ou migrante, permitiram compreender os

---

<sup>16</sup> Entrevista com Augusto César Leite Barros, ex-morador da cidade, realizada no dia 20 de março de 2013.



encantados como parte do todo. Por esses motivos, em muitos momentos nas narrativas estes seres foram a chave para reivindicações dos entrevistados na luta pelo direito a cidadania, ou ainda na explicação de alguma situação embaraçosa ou inexplicável ao momento vivido.

Atentar para todos os nuances que envolvem as relações do homem com os encantados no campo da história e da antropologia, não é uma tarefa muito fácil, pois inclui repensar o sentido de lendas e mito perdurados na literatura ao longo de décadas, como algo estagnado pertencente apenas ao imaginário, sem relação com a vida real. Quando a situação se inverte, as narrativas de encantados acompanham o processo dinâmico das mudanças histórico-sociais, servindo para explicar traços do passado, como foi possível observar no texto, todavia, em íntima relação com os modos de vida do presente. Nesse sentido, as narrativas nunca desaparecerão, serão sempre reinventadas, adequadas a novas realidades das sociedades futuras.

Desta maneira, por meio das vozes de diferentes sujeitos, em diferentes épocas, foi possível notar diferentes manifestações culturais em diálogos com as dinâmicas das transformações e as práticas sociais ocorridas na cidade de Breves em determinado período. No exercício de rememoração sobre si mesmos, seus ofícios e a cidade os entrevistados narraram as crenças e mitos de modo indissociável do processo de expansão urbana e mudança no espaço da cidade.

### Referências bibliográficas:

- ALIVERTI, Márcia Jorge. *Uma visão sobre a interpretação das canções amazônicas de Waldemar Henrique*. In: Revista de Estudos Avançados 19 (54), 2005.
- ALMEIDA, Maria Rocha Conceição. *As águas e a cidade de Belém do Pará: história, natureza e cultura material no século XIX*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.
- DEL PRIORE, Mary. *Melusinas, sereias e mulheres – serpentes na literatura sacra do século XVII*. In: cadernos pagu (4) 1995.
- DELGADO, Luicilia de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- GALVÃO, Eduardo. *Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas*. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006. HALL, Michael. *História Oral: os riscos da inocência. O direito à memória*. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992. HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- \_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOBBSAWN, Eric. RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- LEÃO, Dione do Socorro de Souza. *O porto em narrativas: experiências de trabalhadores, moradores e frequentadores da área portuária em Breves-PA (1940-1980)*.
- LEONARDI, Victor Paes de Barros. *Os historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira*. Brasília: Paralelo 15, Editora Universidade de Brasília, 1999.
- LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico*. Belém: CEJUP, 1995.

\_\_\_\_\_ *Religião e medicina popular na Amazônia: A etnografia de um romance*. In Revista Antropológicas, ano 11, volume 18, 2007.

MAUÉS, R. H.; VILLACORTA, G. M. *Pajelança e encantaria amazônica*. In PRANDI, Reginaldo (org.). *Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. Rio de Janeiro: Pallas. 2004.

PACHECO, Agenor Sarraf. *História e Literatura no regime das águas: Práticas Culturais Afroindígena na Amazônia Marajoara*. In: Revista Amazônica, mês janeiro, v. 2, 2009.

PACHECO, Agenor Sarraf. *À margem dos “Marajós”: Cotidiano, Memórias e Imagens da “Cidade-Floresta” – Melgaço-Pa*. Belém: Editora Paka-Tatu, 2006.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

\_\_\_\_\_ *Tentando aprender um pouquinho, algumas reflexões sobre a ética na história oral*. In Revista Projeto História – Ética e história oral, nº 15, abril de 1997.

TOLEDO, Victor Manuel; BARRERA-BASSOLS, Narciso. *A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais*. In: Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente, editora UFPR n. 20, jul/dez. 2009.